

Tecnologia, atalho para o progresso

Uma leitura rápida de duas pesquisas sobre a situação socioeconômica do Brasil pode levar à equivocada conclusão de que o quadro vem evoluindo positivamente. A primeira delas, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que o número de pobres que habitam as seis maiores regiões metropolitanas do País caiu 5,1% de 1999 para 2000.

O critério adotado pela FGV seguiu as normas da Organização Mundial da Saúde (OMS), que estabelece uma renda per capita mínima de R\$ 80 para que uma pessoa possa satisfazer suas necessidades alimentares básicas.

A segunda pesquisa, o Relatório de Desenvolvimento Humano 2001, elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU), revela que o Brasil melhorou sua posição avaliada pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que mede os níveis de saúde, educação e renda per capita de uma população. De acordo com o estudo da ONU, o índice do Brasil subiu de 0,746 para 0,750, saltando da 74ª para a 69ª posição na lista de 162 países pesquisados, avanço que traduz ligeira melhora nos índices de mortalidade infantil e de redução das taxas de analfabetismo.

Os avanços sugeridos pelas estatísticas, entretanto, não resistem a uma análise mais acurada de ambas as pesquisas. No primeiro caso, em que pese a diminuição do número de indigentes, não há como deixar de ignorar o fato de que 29,3% da população, uma massa de aproximadamente 50 mi-

lhões de brasileiros, sobrevive com uma renda mensal inferior a R\$ 80,00. Tal situação tem suscitado propostas como a criação de um fundo de combate à pobreza.

O mesmo trabalho da FGV calcula que, se cada brasileiro contribuísse mensalmente com uma parcela de R\$ 10,40, seria possível erradicar a pobreza no Brasil. Por mais nobre que pareça ser, a proposta mostra-se, desde já, ineficaz, tendo-se em vista os enormes desperdícios verificados na aplicação das verbas ditas sociais.

O volume de recursos que as prefeituras, governos estaduais e a União consomem anualmente para aplicação em projetos para a área social soma cerca de R\$ 217 bilhões, o equivalente a 20% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

A evolução do Brasil no quadro de indicadores da ONU contém igualmente distorções. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a base cotejada era maior: a relação era composta de 174 países. Dos doze países que não entraram na avaliação, seis estavam à frente do Brasil.

É verdade que o estudo assinala algumas melhorias, como a taxa de escolarização, que avançou dois pontos percentuais de 1999 a 2000, passando de 78% para 80%. Os demais indicadores, porém,

permaneceram praticamente estagnados, como é o caso do PIB per capita, que caiu de US\$ 7.071 para US\$ 7.037 no período.

O desafio de transformar os conhecidos recursos e potenciais do País em alimentação, saúde, moradia, saneamento, educação e trabalho não é simples e requer bases sólidas em que possa se apoiar. Trata-se de um objetivo que não pode ser alcançado unicamente com base no crescimento econômico, um componente indispensável, mas insuficiente se não for catalisado por políticas públicas.

O próprio relatório da ONU dá uma pista dos avos que merecem ser perseguidos no curto prazo, uma vez que os investimentos em curso em saúde e educação, para nos atermos a dois dos setores prioritários da área social, são de longa maturação. O trabalho da ONU analisa, pela primeira vez, a capacidade dos países de absorver tecnologia e difundir-la entre seus habitantes. O Brasil reedita, aqui, as disparidades vividas no quadro socioeconômico. Tem dois centros mundiais de inovação tecnológica, é um dos grandes exportadores de tecnologia, mas ocupa a 43ª posição no ranking da ONU, num total de 72 países.

O descompasso sugere que o País só tem a ganhar com investimentos em projetos e políticas que priorizem a difusão de tecnologia, principalmente em ações conjugadas com programas educacionais, projetos de "e-learning" e de educação a distância. Esse, o caminho mais curto para romper a distância que nos separa do Primeiro Mundo. ■

Brasil é centro de inovação tecnológica, mas não consegue difundir-la para seus habitantes